

Sobre transições que nos inquietam: o turismo em transformação

On transitions that disturb us: tourism in transformation

Vinicius Lages, Helena Costa

Resumo

Os futuros, utópicos ou distópicos, chegam a uma velocidade cada vez maior. Percebemos que as categorias de análise do passado se esgotaram e as novas ainda não dão conta da atual sociedade, na qual convivem elementos velhos e novos. A pandemia de COVID-19 acelerou ainda mais as transformações e ressaltou questionamentos acerca de um conjunto de dinâmicas econômicas, demográficas, sociais, tecnológicas, psíquicas e culturais que já vinham presentes em nossas realidades. As grandes transições testam nossos limites de compreensão, provocando-nos a analisar os rebatimentos delas sobre o setor de turismo. Neste texto, abrimos um sendeiro inicial de reflexão acerca de quatro transições que nos inquietam: a transformação digital, as mudanças climáticas, a demografia e a política. Buscamos problematizá-las e compreendê-las para construir uma maior fluência nos futuros, apoiando a construção de um turismo que as enfrente de modo atento e responsável.

Palavras-chave: Transições; Futuro; Turismo.

Abstract

Futures, in their utopian or dystopian forms, arrive at an ever-increasing speed. We realize that analyses based on categories and concepts from the past have been defeated. At the same time, the new ones still do not account for the trends in current society and economy, in which old and new elements coexist. The COVID-19 pandemic further accelerated the transformations and brought more uncertainty. It also highlighted questions about a set of economic, demographic, social, technological, psychic, and cultural dynamics that were already present in our realities. Major transitions test our limits of understanding and provoke us to analyze their implications on the tourism sector. In this text, we open an initial reflection path about four transitions that are thought-provoking: digital transformation, climate change, demography, and politics. We seek to raise questions aiming to understand these transitions. We must build a greater future fluency, supporting

the development of a tourism sector that faces transitions with proper attention and responsibility.

Keywords: Transitions; Future; Tourism.

A Aceleração do Futuro: quando o velho já não serve e o novo ainda está em gestação

Em poucos momentos da história vivemos um contexto tão inquietante de transições, grande parte decorrentes de transformações que afetam os padrões de produção/consumo e o modo como vivemos. Os impactos das atividades econômicas sobre os sistemas vitais do planeta, as mudanças climáticas, a transição demográfica, a degradação das instituições que representaram a ordem do século XX, todas perpassadas pela ubiquidade da tecnologia nas múltiplas esferas da vida humana, são pontas de uma coleção inquietante de icebergs que nos circundam.

O turismo, que representava cerca de 10% do PIB global antes da pandemia, fechou em 2019 com o impressionante volume de 1,4 bilhão de chegadas internacionais realizadas por turistas que cruzam as fronteiras de seus países (OMT, 2020a). Soma-se a este fluxo o mercado de turismo doméstico, seis vezes maior do que o internacional (OMT, 2020a). Em conjunto, estes números revelam a importância que tem o setor em termos econômicos, na geração de emprego e em sua articulação com dezenas de cadeias de valor, mas também, o potencial de impacto que gera sobre os destinos turísticos. Afetado pela pandemia, o turismo viu seus números caírem abruptamente, chegando a uma perda de 70% dos fluxos internacionais em 2020, voltando a patamares de 30 anos antes (OMT, 2020b). O setor foi duramente afetado diante da necessidade de isolamento social e contenção de deslocamentos. Em março de 2020, 90% da população mundial vivia em países com restrições de mobilidade internacionais e até domésticas (Gössling et al., 2020).

A pandemia de COVID-19, que vivenciamos desde 2020, atualmente com taxas inéditas de transmissão da doença pela variante Ômicron, que se tornou dominante em pouco tempo¹ (OMS, 2022), reforça a percepção de que estamos em um contexto de mudanças aceleradas. Elas acentuam a sensação de que estamos vivendo um interregno, como destacou o sociólogo Zygmunt Bauman (2016), ao sinalizar que o passado já não mais nos serve, mas também o futuro não chegou plenamente. É um momento de crise, de passagem. Antonio Gramsci dizia que a crise consiste, precisamente, no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, aparece uma grande variedade de sintomas mórbidos (Gramsci, 1975).

Em Babel (2016), Bauman fala da transição entre a agonia de uma ordem passada – política, econômica, social, cultural, afetiva e simbólica – que se esvai e a gênese de outra, incerta, cheia de riscos e ameaças, mas também de esperanças. No estado de interregno, as formas como aprendemos a lidar com os desafios da realidade não funcionam mais. As instituições de ação coletiva, os sistemas políticos, a forma de

organizar a própria vida social e política, as relações com as outras pessoas, todas essas formas aprendidas e institucionalizadas de sobrevivência no mundo não funcionam mais da mesma forma. As novas formas, que substituiriam as antigas, ainda estão em fase embrionária. Deparamo-nos com um ambiente VUCA – volátil, incerto, ambíguo e complexo – e uma sociedade BANI – *Brittle* (frágil), *Anxious* (ansiosa), *Nonlinear* (não linear) e *Incomprehensible* (incompreensível) – (Cascio, 2020). Ambos os termos traduzem inquietações do nosso tempo.

Não somos mais nem uma coisa nem outra, não vivemos mais em uma sociedade industrial, conduzida pelo princípio do conflito capital *versus* trabalho, mas a sociedade pós-industrial ainda não se configurou, completamente, com sua profusão de novos conflitos. Por isso esse sentimento de não mais sentir o solo sob os pés, que caracteriza os momentos de crise.

Embora a pandemia tenha acelerado mudanças, acentuado prioridades, escancarado desigualdades e, de certo modo, provocado um freio de arrumação no que ainda tínhamos de carregamento da herança do século XX, “as mudanças civilizacionais demandam tempo”². Ocorrendo simultaneamente, e muitas vezes gerando sinergias e externalidades negativas, essas transformações se sobrepõem e nos recusam a possibilidade de ter certezas sobre o futuro. As incertezas se ampliaram e se tornaram lugar comum. Ao invés de tentarmos encontrar respostas para tudo, as perguntas se tornaram parte do pensar com mais clareza. Refletir juntos sobre elas nos dá a chance de romper com a angústia da impermanência e buscar possibilidades de futuros e, quiçá, esperança. Este entendimento nos possibilita sair de um *mindset* de busca de certezas, com categorias analíticas binárias que já não se encaixam no presente, muito menos diante da emergência de futuro(s) que eclodem a cada dia.

A pandemia de COVID-19 antecipou urgências em um mundo que extrapolou seus limites de crescimento, ampliou as desigualdades, inundou seus mares de plásticos, espalhou mentiras em massa, apoiadas por tecnologias digitais usando as redes sociais. Um mundo em que a natureza se degrada a olhos vistos e a desigualdade ameaça tornar-se dessemelhança (Buarque, 1993). Em que a democracia é assaltada por novas forças políticas que nascem de seu interior e em que novas exclusões sociais são criadas (Nascimento, 2020).

Entre os excessos cometidos, o próprio turismo, por ter assumido escalas expressivas de fluxos, especialmente em alguns destinos (*overtourism*), tornou-se uma atividade indesejada, gerando reações da chamada *turismofobia*. Pois onde há excessos, há rupturas nas dinâmicas culturais, econômicas e naturais, que podem desencadear fortes reações. O futuro do setor deve levar em conta estas ameaças e o fato de que a crise sanitária aumentou questionamentos que já existiam. Isso se exemplifica pelas preocupações com as consequências do turismo para as populações locais, com o impacto das viagens em ecossistemas frágeis e em cidades já saturadas. Sem falar da pegada de carbono de uma jornada turística, especialmente a mobilidade baseada em fontes de energias fósseis, bem como o excesso de consumo e as consequências para as comunidades receptoras, entre

outras mazelas.

Hoje ficaram mais nítidas as apreensões sobre as condições sanitárias e a infraestrutura de saúde nos destinos turísticos, as faltas de previsibilidade sobre as fronteiras e suas regras de entrada, mas também a ânsia pela viagem ao primeiro sinal de arrefecimento da pandemia (ou até antes dele). A frágil retomada das viagens observada no último trimestre de 2021, e já no primeiro mês de 2022, aponta para novas rupturas de contratos, com milhares de cancelamentos de voos em todo mundo, especialmente entre o Natal e as primeiras semanas de janeiro³. Adicionalmente, ficou mais evidente a importância da comunicação, da qualificação, das condições de trabalho e da garantia de protocolos seguros e confiáveis nas operações de hospedagem, deslocamento, alimentação e entretenimento. Passou-se a discutir o quanto o setor seria efetivamente atravessado pelo conjunto de transformações que vivenciamos ou o quanto as adaptações seriam temporárias e conjunturais.

Antes mesmo da pandemia, já existiam apelos para repensar o capitalismo, ou o que restou desse sistema econômico de pretensões hegemônicas ao final do século XX, mesmo com suas variações de maior ou menor presença do Estado. Seu esgotamento enquanto modo de assegurar bem-estar social, progresso material e reprodutibilidade em bases sustentáveis dos sistemas econômicos já foi suficientemente debatido nas conferências e fóruns globais sobre a sustentabilidade. O encontro de Davos, em 2020, já trazia luz para o debate sobre os limites de um capitalismo de acionistas (*shareholders*), no qual o foco prioritário em retorno para os acionistas fosse ampliado para se pensar nas partes interessadas. Isso promoveria a valorização do ambiente externo e faria um chamado para que novas orientações guiassem os negócios, inserindo pautas socioambientais de forma contundente.

Em setembro de 2020, já sob efeitos da pandemia, o *World Economic Forum* (WEF) convidou para o que chamou de *The Great Reset Initiative*⁴, que seria basicamente, um reinício (ainda que controverso) nessa sociedade que promove riscos para sua própria manutenção, como já falava Ulrich Becker (2010). O sociólogo alemão descreve a maneira pela qual a sociedade moderna produz, organiza e testa respostas aos riscos crescentes que sua organização cria. Becker (2010) defende a ideia de que a modernidade passa por um momento de ruptura histórica, assim como ocorreu na passagem da sociedade feudal para a industrial. Vivemos um momento de transformação da sociedade industrial clássica, caracterizada pela produção e a distribuição de riquezas, para uma chamada sociedade (industrial) de risco, na qual a produção deles domina a lógica da produção de bens. Trazendo para a atualidade, a mais recente análise de riscos, publicada pelo WEF (2022), dá destaque às tensões ao redor da transição climática, da segurança cibernética, da mobilidade e da competição por alcançar o espaço sideral. Ao que Nial Fergusson⁵ acrescenta ameaças como a criação de uma guerra mundial quente (com conflitos militares diretos), entre China e Rússia de um lado, e Europa Ocidental e Estados Unidos de outro, que viria a substituir a nova guerra fria que vem se construindo. Atualmente, a guerra na Ucrânia concretiza esse temor. O futuro ainda não se desvendou

por completo.

Quatro Transições que nos Inquietam: a transformação digital, as mudanças climáticas, a demografia e a política

Extremos, liquidez, incertezas, ambiguidades e volatilidade são marcas das reflexões que colecionamos sobre o século XX de pensadores que ajudaram a interpretá-lo. Pela nossa frente existe um conjunto de transformações que se desdobram e nos desafiam, quatro das quais trataremos neste capítulo⁶, buscando analisar os rebatimentos sobre o turismo. Esses elementos, na medida em que observados com maior detalhamento, nos permitem situar em um espectro mais amplo a reflexão sobre o turismo e sua sustentabilidade em longo prazo, objeto de estudo a que o LETS se dedica⁷. Apenas assim não ficaremos embotados diante da necessidade de ação para construir um futuro na diversidade do nosso “pluriverso”, termo desenhado por Kothari et al. (2021). Afinal, já não nos basta conhecer um universo, dado que ele é, essencialmente, plural e diverso.

A primeira transição que apresentamos é a que decorre da chamada **transformação digital**. Em um entendimento simplificado⁸, é importante deixar claro que ela diz respeito a uma transformação estratégica e não uma simples adoção de tecnologias digitais. Vai muito além da aplicação de inteligência artificial, internet das coisas (IoT), computação em nuvem (*cloud computing*), automação inteligente, *blockchain*, 5G ou mesmo as mais recentes aplicações de criptoativos, *tokens* não-fungíveis (NFT), tecnologias hápticas ou metaverso. Hoje ela é conceitualmente mais abrangente, pois integra o mundo físico e as múltiplas realidades (virtual, real, aumentada e subtraída), o chamado *figital*.

A penetração das tecnologias digitais tem uma importância enorme para redefinir as transações, os processos e mesmo como os modelos de negócios são desenhados. Trata-se de uma transformação estratégica na forma de captar e gerar valor, na cultura e competências daqueles envolvidos nos circuitos de produção, distribuição e consumo, na captação e análise de dados. Dados passaram a ser um ativo estratégico, pois são gerados por meio da aplicação de *analytics* que capturam dos usuários – de plataformas digitais, de aplicativos, de *websites* – informações de suas jornadas digitais. Vimos a produção não apenas de novos modelos de negócios habilitados por tecnologias digitais (dentre os quais Amazon, Facebook, Airbnb, OTAs – Online Travel Agencies –, Uber, Lift e ifood), mas também incontáveis aplicações que impactam diversas dimensões da vida humana e dos negócios. Desde o surgimento da internet comercial em 1995, ao crescimento do número de pessoas conectadas através da rede global de computadores (www, chamada web 1.0), passando pelo surgimento dos *smartphones*, a computação em nuvem e a explosão das redes sociais (web 2.0), assistimos a uma verdadeira transformação na forma como produzimos, distribuimos e consumimos conteúdos, bens e serviços. E o turismo se beneficiou na medida em que mais informações, serviços e possibilidades de conhecer os destinos tornaram-se parte da jornada turística contemporânea. Como analisam pesquisadores do Instituto Valenciano de Tecnologia para o Turismo (Invat.tur)⁹, um

destino que não conseguir desenvolver um modelo de gestão inovador, apoiado por uma estratégia digital, tornando-se mais inteligente, provavelmente encontrará dificuldades para competir diante das mudanças do mercado.

A transformação digital permite a fruição de experiências turísticas em dimensões de realidade virtual e aumentada, com apoio de tecnologias hápticas, que permitem imersões em destinos ou experiências turísticas antes só acessíveis com a presença humana. O tato e o olfato poderão, portanto, ser incorporados às experiências. Assistentes digitais com inteligência artificial conectados a plataformas digitais em nuvem serão ubíquos, respondendo, apoiando decisões e até antecipando ações ao longo de uma jornada turística (exemplos: reserva de restaurante, chamada de um meio de mobilidade, entre outros).

Outra dimensão desafiadora para o turismo, tanto como alavanca para potencializar experiências quanto como substituto da fruição real, é o metaverso. Em que pese ser algo imaginado especulativamente em um romance publicado inicialmente na década de 1990 (Stephenson, 2015), ele ganhou maior atenção após os movimentos mais recentes das chamadas *bigtechs* como Facebook (que passou a se chamar Meta), Microsoft, Amazon, entre outras. Descrito como a web 3.0, é onde múltiplas realidades se misturam, em suas diversas formas. Atualmente já há sinais de espaços de experimentações e fruição de experiências enriquecedoras, lúdicas, de interações humanas e mesmo com os objetos naturais e físicos dos ambientes construídos.

A ocorrência da fusão das realidades chega a ponto de falarmos em uma era pós-digital. Essa transição ainda está em processo, pois apesar das tecnologias estarem evoluindo velozmente, sua adoção ainda é muito desigual, gerando vazios digitais que ainda excluem cerca de três bilhões de pessoas¹⁰ no planeta do acesso à economia digital.

A segunda transição da qual precisamos falar é aquela trazida pelas **mudanças climáticas** e a necessária concertação global para enfrentá-la. O IPCC (2021) enfatizou que o aquecimento global está sendo acelerado, em ritmo ainda mais rápido do que se esperava e que ele decorre das atividades humanas. De acordo com o relatório conhecido como AR6, a elevação da temperatura mostra seus efeitos em todos os cantos do globo, levando a climas extremos como secas, enchentes e ciclones tropicais (IPCC, 2021), como temos visto anunciados com frequência nos meios de comunicação. A severidade desses eventos deve ser aumentada caso não haja uma redução drástica das emissões ao longo das próximas décadas (IPCC, 2021). Ainda em 2021, a comunidade médica internacional se articulou, em 233 manifestos publicados simultaneamente, para alertar para os danos das mudanças climáticas sobre a saúde humana¹¹. O *World Economic Forum* (2022), por sua vez, enfatiza que falhar em agir pelo clima é visto como o risco número 1 entre os 10 mais severos de nossos tempos.

Se o Acordo de Paris, firmado na COP 21, trazia uma certa euforia ao redor do consenso alcançado entre 195 países na questão climática, acabamos de sair da COP 26, em Glasgow, com desânimo. Os compromissos entre os principais atores não foram suficientemente abrangentes e bem costurados de modo a gerar consensos em torno da

agenda prioritária. Existem hoje mais dados científicos e alternativas como energia eólica, solar, entre outras. Porém, o custo da transição da economia descarbonizada traz uma série de implicações socioeconômicas. A transição energética e do modelo econômico para descarbonizar estão postas para setores altamente poluentes como transportes, agro, entre outros.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, afirmou que o AR6 lançava um “alerta vermelho para a Humanidade”¹². Em paralelo, Higham et al. (2021) fizeram um “alerta vermelho para o turismo sustentável”, compreendendo que o setor está sob júdice, na medida em que é responsável por 5% das emissões de gases de efeito estufa (WTO & ITF, 2019). Não apenas os excessos de fluxos turísticos passaram a ser objeto de manifestações negativas quanto à presença de turistas em certos destinos, mas também o modo como as pessoas se deslocam e, portanto, a mobilidade baseada em combustíveis fósseis que envolve, sobretudo, os transportes rodoviário, aéreo e de cruzeiros. O turismo tanto é vetor das transformações climáticas quanto já é vítima, uma vez que enchentes, secas e temperaturas extremas vêm impactando os sistemas vitais do planeta e, por consequência, destinos turísticos em regiões mais afetadas.

Na Conferência, em novembro de 2021, foi lançada a Declaração de Glasgow pela Ação Climática no Turismo¹³, um acordo de redução pela metade da emissão de gases até 2030, com o pacto de zerá-las até 2050, incluindo cerca de 300 organizações signatárias. A Declaração sugere algum avanço rumo a uma maior responsabilização do setor, ainda que isso esteja muito distante da garantia de resultados efetivos sobre a problemática. Apesar de limitada, é a primeira Declaração em que organizações privadas do turismo definiram metas específicas para a redução de emissões, um marco temporal para alcançá-las, ao lado da necessidade de planos de redução e relatórios de evolução (Scott & Gössling, 2021), se comparada às duas declarações anteriores específicas do setor sobre o clima (Djerba, em 2003, e Davos, em 2007). Scott e Gössling (2021) alertaram que esta é uma década decisiva de ação climática que pede um turismo revisado e compatível com os desafios atuais do clima, pois não temos mais “outra década para procrastinar”. Todavia, em um mundo mais fragmentado e polarizado, de retrocessos no multilateralismo, é difícil acreditar que uma declaração, entre as tantas que se fizeram em meio século desde a Conferência de Estocolmo¹⁴, pioneira no debate ambiental global, possa gerar as inflexões necessárias e urgentes.

Isso dá o espaço para tratar da terceira transição, de natureza **demográfica**. Em 1950, apenas uma em cada 12 pessoas no mundo tinha mais de 65 anos. Projeções indicam que em 2050, uma em cada 4 pessoas terão mais de 65 anos¹⁵. Este alargamento da vida pode significar uma oportunidade para a chamada economia prateada, caso seja acompanhada de condições de saúde e renda que oportunizem a ampliação dos fluxos turísticos dessa faixa etária.

Todavia, não sabemos ainda o quanto este aumento de longevidade vai ser sustentado tanto pelos sistemas de previdência pública e privada, quanto pelos rendimentos de uma população que teve seu ciclo de vida dilatado para além dos ciclos demográficos

de gerações anteriores. Nascíamos, estudávamos, trabalhávamos e nos aposentávamos, podendo usufruir deste tempo de ócio para as tão sonhadas viagens. A ampliação dos ciclos de vida implica em termos que trabalhar por muito mais tempo para dar conta do sustento desses 10, 20, 30 anos a mais acrescidos neste novo ciclo demográfico.

Uma pergunta que deriva dessa transição é o que fazer com pessoas que vão viver por mais de 100 anos. Os avanços da medicina preventiva e curativa, além da evolução da convergência entre nanofármacos, nanorobôs e edição genética, têm revelado que já é possível termos uma longevidade ativa beirando os 120, 130 anos, já nestas próximas duas décadas. Isso implica redefinir as fases da vida humana, dando espaço para questões existenciais como aparece no cinema no filme “O preço do amanhã” (2011), em que as pessoas nascem com tempos determinados, que podem ser ampliados ou subtraídos, cujo tempo é a moeda, mas lidar com o excedente de tempo vira um dilema existencial e é um desafio de múltiplas implicações. Deve-se acrescentar a isto o fato de que o avanço das tecnologias digitais no campo da saúde e da assistência à vida humana tem levado a especular sobre a imortalidade. Próteses, edições genéticas, convergência da inteligência artificial com a humana, entre outros elementos, podem trazer uma transformação da própria humanidade, passando pelos ciborgues (organismos que incorporam partes cibernéticas) de que tratou Lovelock (2020), podendo chegar a pós-humanos em uma perspectiva muito mais distópica.

Isso nos faz refletir sobre a própria essência do que é ser “humano”, entendida como seres que têm consciência de si, memória, um corpo e entendimento de sua existência, bem como de seu vínculo e interdependência social e cultural. Para o turismo, atividade que permite a evasão, o enriquecimento da existência humana, os encontros e a ampliação do conhecimento a partir das vivências turísticas, lidar com essas transformações, tornou-se um desafio. A separação entre as realidades física e virtual do mundo já se encaminha para ser cada vez mais turva, o que requer uma reflexão sobre as experiências que serão demandadas e valorizadas por esses seres humanos do futuro. A própria ideia da memória, subjacente à busca por oferecer experiências “memoráveis” no turismo, pode ser posta em xeque diante de tamanhas redefinições.

Assim, alcançamos a quarta transição da qual trataremos aqui, que é de natureza **política**. Vemos um mundo polarizado, com narrativas conflitantes e buscando hegemonia. Um mundo de instituições multilaterais enfraquecidas, de ameaças às instituições que deram forma ao ordenamento social e político até recentemente, como analisam Levitsky e Ziblatt (2018). Os mediadores do século XX perderam espaço sobre a interpretação da verdade. Já se fala de uma “era da pós-verdade”, entendida por McIntyre (2018) como um momento em que “fatos alternativos” se sobrepõem aos reais, assim como as sensações tomam espaço das evidências¹⁶.

As fontes tradicionais de poder vêm se deteriorando (Naim, 2013). Partidos políticos, intelectuais, igrejas, instituições multilaterais e a mídia vêm perdendo espaço para outras narrativas, constantemente em conflito. Exércitos se revelam com poderes mais restritos do que se pensava, nos quais lobos solitários enfrentam forças militares poderosas, como

observado no caso dos EUA no Afeganistão, em 2021, que após gastar cerca de US\$ 2 trilhões em sucessivas batalhas, desde 2001, com centenas de milhares de mortos, deixou uma terra arrasada para trás e bateu em retirada.

Como destacado por Moisés Naim (2013), há uma perda de conhecimento institucional diante do vazio de uma política que se apresenta como “nova”, sem coesão e sem fundamentos capazes de gerar novos consensos. Os microatores interferem em processos, apoiados ou não por robôs, cibernética e o vazio da instantaneidade das redes sociais. As redes virtuais – que podem ser da *dark web* – alimentam monstruosidades. Trata-se de uma sociedade em rede (Castells, 2000), mas marcada por acesso limitado, desigualdade, racismo, pobreza e um abismo digital. É nesta mesma sociedade em que as instabilidades políticas e conflitos forçaram migrações involuntárias de mais de 34 milhões de pessoas, um número recorde alcançado em 2020. Com a pandemia, os migrantes e refugiados têm encontrado barreiras cada vez maiores para se inserir, ao passo em que as tensões mundiais se exacerbam (WEF, 2022).

A transformação da política precisa dar conta de um mundo em que a elevada concentração de riqueza segue cada vez mais dramática: o mapa da desigualdade que mostra que os 10% mais ricos capturam 76% da riqueza mundial, enquanto os 50% mais pobres, que correspondem a 2,5 bilhões de pessoas, detêm apenas 2% dela, de acordo com o estudo do *World Inequality Lab* (Chancel et al., 2022). Essa disparidade cresceu durante a pandemia, momento em que os multimilionários e bilionários expandiram suas riquezas¹⁷. A degradação social já observada na virada do século, portanto, agrava-se. A revolução digital está posta: automatização, 5G, algoritmos inteligentes, criptografia, inteligência artificial, realidade virtual aumentada levada ao limite no metaverso, que já mencionamos. Diversas são as implicações sobre o trabalho, a propriedade, os vínculos sociais e emocionais. Empregos tendem a ser raros, o empreendedorismo seguirá se ampliando, mas também se precarizando nas chamadas *gig economies*, com seus arranjos de trabalho baseados em contratos informais, flexíveis, intermitentes e temporários.

Em recente livro, a economista e diretora da *London School of Economics*, Minouche Shafik (2021) apontou o esfacelamento dos contratos sociais que permitiram acordos de mutualidade e reciprocidade, de obrigações e responsabilidade diante das fraturas sociais. Shafik (2021) alertou que diante das transições demográficas, tecnológicas, do papel da mulher na sociedade, além das mudanças climáticas, que atuarão sinergicamente para dissolver os fundamentos de coesão social tal como alcançamos de algum modo no século XX, temos que repensar um contrato social. É preciso dar conta de uma sociedade de centenas de milhões de seres humanos considerados disfuncionais, inadequados ao mercado de trabalho ou aos processos industriais e de serviços, por hiatos de competência para trabalhar junto com máquinas inteligentes, uma das previsões distópicas já feitas por Yuval Harari (2020), e outros como Nascimento (1994) e Ford (2009). A velocidade das transformações advindas da ampla aplicação de inteligência artificial deverá, ao menos no curto prazo, ser maior que nossa capacidade social, institucional e política de encontrar respostas para o emprego ou para criar novas fontes de subsistência.

Assim, a fragilidade humana foi exposta, bem como as limitações de seus sistemas econômicos, políticos e de governança global. Simultaneamente, a evolução tecnológica avança rumo à nanorobótica, implementação de chips neurais, exoesqueletos inteligentes e processos bioquímicos digitalizados. Nossa capacidade de sentir e interagir com o entorno será ampliada. E esta interação entre as tecnologias e os humanos pode ser desastrosa, caso se confirme o abismo, com uma parte da sociedade que será vista como dispensável e eliminável.

Com a evolução da transformação digital e a adesão em massa de presença em metaversos, as pessoas seguirão sendo fonte de dados para grandes corporações. Essa relação de geração de valor a partir de dados tem sido assimétrica e já se debate a necessidade de regulação que preveja não apenas a auditoria desses algoritmos, mas também o compartilhamento de valor gerado pelo uso dos dados. São muitas as necessidades que surgem desta realidade: regulação dos algoritmos, direito à privacidade e defesa de questões coletivas para enfrentar os monstros do passado. Eles são a degradação ambiental e do ser humano, a violência contra a mulher, a homofobia, a precarização do trabalho, a deterioração da saúde mental, a epidemia de depressão e o *burnout*.

Vivemos em uma sociedade esgotada em busca do mérito e da performance (Han, 2015) na qual os processos de educação formal não atendem ao que está posto. Esses problemas todos convivem com avanços realizados na produção de alimentos, de conhecimento, de comunicação, dos deslocamentos. Lamentavelmente, como apresenta o Relatório Global de Riscos 2022, há o predomínio da sensação, por parte de 89% dos respondentes, de que o futuro em curto prazo será fraturado, volátil e até catastrófico. São pungentes sentimentos de “preocupação” com os cenários, enquanto apenas 11% dos respondentes acreditavam em uma recuperação global acelerada até 2024 (WEF, 2022).

E como essas Transições, tão Abrangentes, influenciam os futuros do turismo?

As categorias de análise do passado se esgotaram e as novas ainda não dão conta desta sociedade em que o tempo se acelera de tal forma que tudo se torna passado mais rapidamente (Han, 2021). Isso testa nossos limites de compreensão e ainda não sabemos, de modo certo, as implicações destas transformações.

Antes mesmo de buscar elencar essas implicações, precisamos reconhecer a tendência a refletir sobre o setor com olhares fragmentados e que não dão conta das grandes questões. Em seguida, é preciso reconhecer que o turismo que irá se materializar nestes futuros portará elementos novos e velhos em convívio. Neste texto, buscamos observar, ainda que de forma modesta, quatro transições que nos inquietam: a transformação digital, as mudanças climáticas, a demografia e a política.

A **transformação digital** já vem impactando os modelos de negócios turísticos ao mesmo tempo em que empodera turistas em sua relação com a oferta de experiências, tanto para planejar, adquirir, pagar, compartilhar nas redes sociais e serem assistidos ao longo de sua viagem. Para o futuro, espera-se que as experiências turísticas ocorram com a aplicação de um conjunto de tecnologias que permitam a ativação de todos os

sentidos dentro das múltiplas realidades. A expectativa de que haja uma vida “paralela” para nossos avatares pode alterar o modo como percebemos a própria realidade física, impactando hábitos, percepções, interações e regras sociais¹⁸. Esta transição tecnológica advinda da transformação digital pode transformar profundamente o entretenimento, os deslocamentos e o turismo, por isso merece a devida atenção por formuladores de políticas públicas, pesquisadores e agentes de mercado.

No encontro das **mudanças climáticas** e do turismo, veremos crescer a urgência por uma transição energética dos modais que servem ao turismo, especialmente o transporte rodoviário e aeroviário. A pegada de carbono do turismo extrapola o uso de combustíveis fósseis, pois em toda cadeia de consumo, de ponta a ponta, nos meios de hospedagem, nos bares, restaurantes, parques temáticos, vemos o quanto o setor é intensivo no uso de energia e precisa fazer uma transição para bases mais sustentáveis. Há setores que já se encontram mais pressionados, especialmente em mercados mais maduros, a dar respostas para a redução da pegada de carbono, ao vazamento dos plásticos descartáveis para a natureza e a perda de biodiversidade, os três maiores desafios ambientais de nossos tempos. Apenas acordos, como a Declaração de Glasgow, são limitados em oferecer resultados, mas são um estímulo inicial à responsabilização. Se não vieram agora da COP 26, as restrições a este processo acelerador do aquecimento global logo virão e o setor precisa agir para essa transição o quanto antes.

Devemos levar em consideração, adicionalmente, as demais variáveis da equação ESG (*Environment, Social e Governance*). O turismo ainda envolve a produção de externalidades negativas nas dimensões social e ambiental, que vão além da questão energética e da poluição, o que torna urgente a adoção de uma agenda de sustentabilidade que saia das intenções para a ação, como já debatido pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em sucessivos eventos¹⁹.

A COVID-19 afetou negativamente os avanços em relação aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), como constataram Seidel et al. (2021), mas também mostrou que precisamos de esforços coordenados para atacar os desafios globais. Não é possível concluir ainda que a construção de respostas aos impactos da pandemia serão positivos rumo a um turismo mais sustentável, como alertaram Hall et al. (2020). Ao mesmo tempo em que há mudanças de comportamentos de viagens, com a valorização das proximidades, que resultam em deslocamentos com uma menor pegada de carbono, há também inúmeros clamores para que se retorne ao “*business as usual*” em razão da estagnação econômica e do desemprego que afetam o setor de turismo globalmente (Hall et al., 2020). Muitas destas vozes pressionam para que se retomem os padrões anteriores à COVID-19, postergando mudanças, a exemplo dos compromissos climáticos. Assim, os autores (2021) apuraram que os efeitos da pandemia serão seletivos e diversos, bem como as medidas para contê-los, podendo variar da reorientação do turismo para uma atividade mais sustentável e de menor impacto, em alguns casos, até um recrudescimento de nacionalismos excludentes em outros países.

Na confluência entre a **demografia** e o turismo, devemos estar atentos ao que significa

uma extensão da longevidade ativa em termos de novas oportunidades para a oferta turística para octogenários, nonagenários, centenários e até mesmo pessoas com mais de 120 anos. Isso tende a ocorrer de forma muito gradual, mas é possível já assistirmos o crescimento da demanda pela chamada economia prateada a partir desta década. Vemos que demografia e tecnologia passaram a ser indissociáveis. Veremos exoesqueletos, próteses inteligentes, implantes neurais ou subcutâneos facilitando a fruição de experiências turísticas seguras, mesmo com mais intensidade física, a segmentos demográficos de idades mais avançadas. Simultaneamente, precisamos entender o lugar do ócio e dos novos ciclos de vida, bem como do financiamento desta ampliação da longevidade ativa. Quanto mais vivermos, mais perto estaremos de uma longevidade ativa e demandante de novas experiências.

Já nas transições **políticas**, tendem a rebater sobre o turismo os muros, as interdições, os conflitos emergentes, as pressões das migrações, as tensões e os riscos de uma guerra mundial quente. Crescentes barreiras, quer sejam sanitárias, nacionalistas, religiosas e raciais, colaboram para nos afastar da facilitação de viagens²⁰ pela qual advogamos durante a última década. Do ponto de vista da gestão dos destinos, somos levados a refletir sobre um mundo em que o poder centralizado se dilui cada vez mais, podendo alterar o lugar das políticas de apoio ao desenvolvimento do turismo por parte de autoridades públicas, bem como o funcionamento das cadeias produtivas do turismo, cada vez menos intermediadas.

No âmbito social, os rebatimentos sobre o turismo podem ser relativos a uma ampliação da desigualdade e a limitação de acesso a experiências turísticas por parte de uma significativa parte da humanidade em decorrência da inexistência, ainda que em uma transição, de meios de obtenção de renda através de emprego ou outras fontes. Quanto maior a desigualdade, quanto menor o poder de compra, menores são as chances de expandirmos o acesso às experiências turísticas, especialmente em escala internacional, sobretudo em um cenário pouco otimista com a recuperação global em curto prazo. Ainda, deve haver uma preocupação com a distribuição dos benefícios gerados pelo turismo, buscando realizar a promessa de inclusão das comunidades, inclusive dos mais pobres, em um mundo em que a desigualdade e a concentração de renda são ainda mais marcantes em 2022.

Por fim, do ponto de vista da tecnologia posta e da fragilidade humana, os atores do setor de turismo devem permanecer atentos aos impactos dessas transições sobre sua própria essência. Participar de uma experiência turística é uma espécie de deslocamento muito além da dimensão física, espacial, é uma evasão de espírito, é experimentação da alteridade, de conhecimento de outras realidades e de interações humanas que devem ser mutuamente enriquecedoras.

Considerações Finais

Nesta reflexão, vimos que são várias as implicações das transições debatidas para o setor de turismo. Elas passam pela necessidade de se adaptar às tecnologias digitais e aos modelos de negócios que dela decorrem, o que traz implicações tanto para o próprio

desenho de experiências turísticas, quanto para o planejamento e gestão de destinos turísticos. Passam também pela necessidade de reinventar os modos de transporte e suas matrizes energéticas para descarbonizar a economia dentro de um chamado urgente para essa década. Passam, ainda, por revisar o modo como usamos os recursos naturais que mantêm a competitividade de tantos destinos de natureza em diversos biomas, bem como as condições do tecido social urbano para que as cidades sejam inteligentes e agradáveis para seus moradores e visitantes. Passam por rever o modo como as pessoas são incluídas na geração das riquezas do turismo, com atenção aos mais vulneráveis. Perpassam, inclusive, por rever as escalas e características dos produtos turísticos no pós-pandemia, ao lado de um olhar atento sobre a limitação dos indicadores de desempenho do turismo que são utilizados atualmente, focados em número de visitantes (sobretudo internacionais) e aumento dos gastos. As transformações políticas tendem a rebater no desenho das políticas públicas e da governança, enquanto as tecnológicas podem apresentar novas formas de viajar em distintos limites: sem sair de casa ou saindo do Planeta Terra. Afinal, empreendedores como Elon Musk vêm trabalhando insistentemente nesta perspectiva de sermos uma espécie humana multi-planetária, onde uma elite viajará com mais frequência para fora do Planeta Terra.

Percebemos que esses futuros, sejam utópicos ou distópicos, alcançam-nos a uma velocidade cada vez maior (Lages, 2021). Ao lado disso, há um *gap* de fluência de futuros, como apontado pelo WEF (2020), e a nossa limitada capacidade de reconhecer os sinais do que está acontecendo. As incertezas se reforçam e nos levam para esse lugar de inquietude. Chegamos até aqui acreditando em um mundo mais compreensível, mais previsível, mais categórico e, em contrapartida, mais inteligível. Não nos serve mais o preto *versus* o branco, o azul *versus* o rosa, o masculino em oposição ao feminino, direita, esquerda. Pouco servem essas categorias analíticas de um mundo binário para explicar as fronteiras borradas do mundo VUCA e da sociedade BANI.

A pandemia nos clareou que somos interdependentes: ou todos estão protegidos ou ninguém está a salvo. De nada adianta a proteção apenas individual quando a questão é coletiva, fazendo-nos lembrar dos desafios da gestão de recursos de uso comum, tratados por Elinor Ostrom (1990). Pouco adianta meia dúzia de países com um estoque de vacinas, enquanto outros padecem e aparecem condições para as novas variantes. É limitado o alcance de vacinas desenvolvidas em tempo recorde, compradas e estocadas, se as informações *fake* nas redes sociais alimentam teorias da conspiração contra a Ciência.

Os efeitos da pandemia serão diversos no tempo e no espaço, fortalecendo nossas inquietudes e nossos questionamentos. Como nos provocam Hall et al. (2020), devemos revisitamos com cuidado o turismo que desejamos, sob pena de termos mais do mesmo. Para assegurar uma fluência nos futuros, é preciso um esforço de entendimento e flexibilização das regras, pois a inovação vai sempre nos surpreender e não há regulação prévia assertiva, a formação de talentos e de educação para ler o que está se configurando. Além disso, as convergências das transformações nos permitirão enfrentar a transição entre o que não serve mais e o que vem pela frente.

Para terminar, esperamos que essa análise possa contribuir para enriquecer nossos olhares, honrando os ensinamentos de Sachs (2010) de que “quanto mais pessimista a análise, mais temos uma obrigação de assumir uma atitude otimista para agir, para tentar mudar, para fazer com que haja uma inflexão da trajetória”. O turismo, ao permitir a troca de experiências e a ampliação da compreensão do mundo e de nós mesmos, deve estar atento a estas transformações e transições e, assim, enfrentar este novo sem medo, de espírito aberto e com muita responsabilidade, ajustando sempre as lentes.

Agradecimento

Os autores agradecem ao professor Dr. Elimar Pinheiro do Nascimento pelo estímulo e por conduzir as reflexões no LETS, desde sua fundação, mas sobretudo pela leitura construtiva do texto.

Referências

- Bauman, Z. (2016). *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Zahar.
- Becker, U. (2010). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Editora 34.
- Buarque, C. (1993). *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. Brasiliense.
- Cascio, J. (2020). *Facing the age of chaos*. Recuperado em 23 fevereiro 2022 de <https://medium.com/@cascio/facing-the-age-of-chaos-b00687b1f51d>.
- Castells, M. (2000). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.
- Chancel, L., Piketty, T., Saez, E., & Zucman, G. (2022). *World Inequality Report 2022*. World Inequality Lab. Recuperado em 10 janeiro 2022 de https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2021/12/Summary_WorldInequalityReport2022_English.pdf.
- Ford, M. (2019). *Os robôs e o futuro do emprego*. Best Business.
- Gössling, S., Scott, D., & Hall, M. (2020). Pandemics, tourism and global change: A rapid assessment of COVID-19. *Journal of Sustainable Tourism*, 29(1), 1-20. DOI: 10.1080/09669582.2020.1758708
- Gramsci, A. (1975). *Quaderni del carcere*. Einaudi.
- Hall, M., Scott, D., & Gössling, S. (2020). Pandemics, transformations and tourism: be careful what you wish for. *Tourism Geographies*, 22(3), 577-598
- Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Han, B. (2021). *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*. Vozes.
- Harari, Y. (2020). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Cia das Letras.
- Higham, J., Font, X., & Wu, J. (2021). *Code red for sustainable tourism*. *Journal of Sustainable Tourism*, (ahead of print), 1-13. DOI: 10.1080/09669582.2022.2008128
- Intergovernmental Panel on Climate Change [IPCC]. (2021). *Summary for Policymakers. Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the*

Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Recuperado em 01 dezembro 2021 de <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/#SPM>.

Kothari, A., Salleh, A., Escobar, A., Demaria, F., & Acosta, A. (2021). *Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento*. Elefante.

Lages, V. (2021). Sobre algumas transições e transformações que nos inquietam [comunicação oral]. *32º Seminário Veredas do Futuro*. Centro de Desenvolvimento Sustentável CDS, UnB. Recuperado em 21 dezembro 2021 de <https://www.youtube.com/watch?v=Yr2U9DtWe3A>.

Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *Como as democracias morrem*. Editora Zahar.

Lovelock, J. (2020). *Novaceno: o advento da era da hiperinteligência*. Edições 70.

Naim, M. (2013). *O fim do poder: como os novos e múltiplos poderes estão mudando o mundo e abalando os modelos tradicionais na política, nos negócios, nas igrejas e na mídia*. Leya.

Nascimento, E.P. (1994). *Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários*. Cadernos CRH, Salvador, 21, 29-47.

Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2022). *Statement – Update on COVID-19: Omicron wave threatening to overcome health workforce*. WHO. Recuperado em 11 janeiro 2022 de <https://www.euro.who.int/en/media-centre/sections/statements/2022/statement-update-on-covid-19-omicron-wave-threatening-to-overcome-health-workforce>.

Organização Mundial do Turismo [OMT]. (2020a). *UNWTO Briefing Note – Tourism and COVID-19, Issue 3. Understanding Domestic Tourism and Seizing its Opportunities*. UNWTO. Recuperado em 11 janeiro 2022 de <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284422111>.

Organização Mundial do Turismo [OMT]. (2020b). *Impact Assessment of the Covid-19 Outbreak on International Tourism*. UNWTO. 11 dezembro 2021 de <https://www.unwto.org/impact-assessment-of-the-covid-19-outbreak-on-international-tourism>.

Ostrom, E. (1990). *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action*. Cambridge University Press.

Sachs, I. (2010). *Os graus de liberdade* [comunicação oral]. Recuperado em 20 janeiro 2022 de <https://youtu.be/ihsZs-kwFjs>.

Scott, D., & Gössling, S. (2021). From Djerba to Glasgow: have declarations on tourism and climate change brought us any closer to meaningful climate action?. *Journal of Sustainable Tourism*, ahead of print, 1-24. DOI: 10.1080/09669582.2021.2009488

Seidel, S., Vrenegoor, F., & Cavagnaro, E. (2021). Sustainable behaviour in tourism and hospitality. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 21(5), 471-474.

Shafik, M. (2021). *What we owe each other: a new social contract for a better society*. Princeton University Press.

Stephenson, N. (2015). *Snowcrash*. Aleph

World Economic Forum [WEF]. (2020). *Schools of the Future: Defining New Models of Education for the Fourth Industrial Revolution*. Recuperado em 20 janeiro 2022 de <https://www.weforum.org/reports/schools-of-the-future-defining-new-models-of-education-for-the-fourth-industrial-revolution>.

World Economic Forum [WEF]. (2022). *Global Risks Report 2022*. Recuperado em 20 janeiro 2022 de <https://www.weforum.org/reports/global-risks-report-2022/digest>.

World Tourism Organization, & International Transport Forum [WTO & ITF]. (2019). *Transport-related CO2 Emissions of the Tourism Sector – Modelling Results*. UNWTO. Recuperado em 07 janeiro 2022 de <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284416660#:~:text=Transport%2Drelated%20CO2%20Emissions%20of%20the%20Tourism%20Sector%20%E2%80%93%20Modelling%20Results,-Published%3A%20December%202019&text=Abstract%3A,15.6%20billion%20domestic%20tourist%20arrivals>.

Autores

Vinicius Lages: Doutor em Socioeconomia do Desenvolvimento, Diretor Técnico Sebrae AL. Email: viniciusnobrelages@gmail.com

Helena Costa: Doutora em Desenvolvimento Sustentável, Professora Associada II da UnB e Coordenadora do Laboratório de Estudos em Turismo e Sustentabilidade (LETS). Email: helenacosta@unb.br

Notas

¹ As previsões do IHME (Health Metrics and Evaluation) da Europa na data de finalização deste capítulo dão conta de que mais de 50% da população europeia será infectada pela Ômicron nas próximas 6-8 semanas (OMS, 2022). Acesso em 11/01/2022.

² Frase que absorvemos das trocas com o prof. Dr. Elimar Nascimento durante a construção do capítulo.

³ Recuperado em 12 janeiro 2022 de <https://pt.flightaware.com/live/cancelled>

⁴ Recuperado em 11 janeiro 2022 de <https://www.weforum.org/great-reset/>

⁵ Recuperado em 12 janeiro 2022 de <https://www.youtube.com/watch?v=l6B6rSoDWNs>

⁶ Esse capítulo foi desenvolvido a partir da palestra de Vinicius Lages (2021) chamada “Sobre algumas transições e transformações que nos inquietam”. Realizada em 8/12/21

no 32º Seminário Veredas do Futuro a convite do CDS/UnB. Recuperado em 15 janeiro 2022 de <https://www.youtube.com/watch?v=Yr2U9DtWe3A>

⁷ Recuperado em 23 fevereiro 2022 de <https://lets.etc.br>

⁸ Recuperado em 15 janeiro 2022 de <https://silvio.meira.com/silvio/sinais-do-futuro-imediate-4-a-grande-transformacao-digital/>

⁹ Recuperado em 16 dezembro 2021 de <https://www.invattur.es/>

¹⁰ Recuperado em 17 dezembro 2021 de <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/12/01/mais-de-um-terco-da-populacao-mundial-nao-tem-conexao-com-a-internet-segundo-a-onu.ghtml>

¹¹ *Call for emergency action to limit global temperature increases, restore biodiversity, and protect health.* Recuperado em 22 dezembro 2021 de <https://www.bmj.com/content/374/bmj.n1734>

¹² Recuperado em 15 dezembro 2021 de <https://news.un.org/pt/story/2021/02/1742802>

¹³ *Glasgow Declaration for Climate Action in Tourism.* Recuperado em 10 janeiro 2022 de <https://www.unwto.org/news/tourism-unites-behind-the-glasgow-declaration-on-climate-action-at-cop26>

¹⁴ *Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UN Conference on the Human Environment).* Recuperado em 23 fevereiro 2022 de <https://www.un.org/en/conferences/environment/stockholm1972>

¹⁵ Recuperado em 10 janeiro 2022 de <https://brasil.un.org/pt-br/83427-populacao-mundial-deve-chegar-97-bilhoes-de-pessoas-em-2050-diz-relatorio-da-onu>

¹⁶ Recuperado em 15 janeiro 2022 de <https://mitpress.mit.edu/books/post-truth>

¹⁷ Recuperado em 15 janeiro 2022 de <https://brasil.elpais.com/economia/2021-12-07/os-10-mais-ricos-com-76-do-patrimonio-do-planeta-o-retrato-da-desigualdade-na-pandemia.html>

¹⁸ Recuperado em 10 janeiro 2022 de <https://www.youtube.com/watch?v=IqTC4lsxNfk>

¹⁹ Recuperado em 15 janeiro 2022 de <https://www.unwto.org/sustainable-development>

²⁰ Os termos mais utilizados em inglês são *easy/seamless travelling*. Recuperado em 14 janeiro 2022 de https://wtcc.org/Portals/0/Documents/Reports/2019/Security_and_Travel_Facilitation_Seamless_Travel_Journey_Situation_Report_Jun_2019.pdf?ver=2021-02-25-182806-487